

## Diversidades e Estudos Étnico-Raciais (africanos e brasileiros)

### Práticas de inclusão e efeitos do racismo nos processos de socialização de estudantes negros e indígenas na UEL

Eder de Souza Gomes <sup>1</sup>  
Angela Maria de Sousa Lima <sup>2</sup>

**Resumo.** O sentimento de inadequação, não pertencimento e até mesmo exclusão, velados ou não, falta de oportunidades no meio acadêmico e até de não identificação com alguns docentes é algo relatado frequentemente por estudantes cotistas como motivo de sofrimento. Por meio de relatos survey e levantamento de dados, foi coletado dados sobre a relação de estudantes cotistas negros e indígenas na UEL. Os resultados denotam o isolamento sentido cedo, mas aliviado conforme este grupo de estudantes acaba se aquilombando, e a importância das políticas públicas na diminuição das violências de raça e classe na universidade.

**Palavras-chave:** Racismo. Sociabilidades. Socialização. Permanência estudantil.

**Abstract:** Feelings of inadequacy, lack of belonging, and even exclusion, whether overt or subtle, along with limited opportunities in academia and a sense of disconnect from some faculty members, are frequently reported by quota students as sources of distress. Through surveys and data collection, information was gathered about the experiences of Black and Indigenous quota students at UEL. Results indicate that the sense of isolation is felt early on but tends to lessen as this group of students forms supportive communities ("aquilombamento"). The findings also highlight the importance of public policies in reducing racial and class-based violence at the university.

**Keywords:** Racism. Sociability. Socialization. Student permanence.

---

<sup>1</sup> Graduando, eder.souza.gomes@uel.br

<sup>2</sup> Dra, Docente, angellamaria@uel.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil foi o país que mais se utilizou de trabalho escravo, tendo o maior número de homens, mulheres e crianças escravizadas dentro de todo continente americano, com um número estimado de 4 milhões de pessoas, o equivalente a um terço de todo o comércio negreiro da época (IBGE, 2000). Nas palavras de Munanga:

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços 44 culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas. (KABENGELE MUNANGA, 2004, p.8).

Como consequência deste modelo de sociedade na construção do país, a abolição da escravatura é descrita por Salles (2017) como tão importante para a história do país como a independência, os efeitos do racismo estrutural estão presentes até hoje em nossa sociedade, onde “há uma sub-representação de pessoas negras em setores estratégicos e uma sub-representação de pessoas negras em espaços que se concentram a violência e a pobreza multidimensional.” (Centro de Liderança Pública, 2020).

Neste contexto, as cotas de ensino superior surgem como objetivo de proporcionar maior igualdade ao acesso à educação, visto que é um direito garantido por lei a qualquer indivíduo. A universidade está lá, mas a possibilidade de acesso e permanência não é a mesma para todos. Segundo dados do instituto IPEA (2020), em 2017 a taxa de frequência líquida de estudantes negros no ensino superior era de 13,9 enquanto que a dos estudantes brancos era de 29,6. Assim sendo, estudantes negros ainda são 51% do número total de estudantes brancos. Como política de ação afirmativa, as cotas raciais são fator importante na luta anti-racista, possibilitando lutar com esta sub-valorização do corpo negro em espaços de poder (Arruda, 2017). Adicionalmente, nas palavras de Nilma Gomes:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Tais ações afirmativas tocam, de maneira nuclear, na cultura política e nas relações de poder. Seja para confirmá-las, seja para refutá-las, a universidade passou a dedicar parte do seu tempo a perceber que os jovens negros existem, que grande parcela deles não está presente nos bancos das universidades públicas e que eles lutam pelo direito de entrar nesse lugar e partilhar desse espaço de produção de conhecimento (NILMA GOMES, 2011, p. 56).

A partir da grande diferença de participação do corpo negro no espaço da universidade, quais os efeitos causados em sua socialização? Como a forma que ele é visto e integrado naquele ambiente interfere em seu desempenho? E os conhecimentos que trás? O que lhe é permitido neste lugar majoritariamente branco? Pensando em Guerreiro Ramos (1995, p. 215):

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira [...]

Utilizando-nos da definição de Guerreiro, como se dá o viver do negro na universidade? Dadas as considerações anteriores, o presente projeto tem como objetivo analisar e pesquisar como se dá a entrada e adaptação de estudantes por ações afirmativas nos cursos de ensino superior e as consequências deste novo ambiente social para sua permanência e formação.

A população brasileira é composta por 55,5% de negros e pardos em contraste com 43,3% de brancos (IBGE 2022). Sendo mais da metade da população do país, estudantes negros/as ainda são 51% do número total de estudantes brancos (IPEA, 2020). A universidade é para quem? Quem tem o direito de caminhar em seus corredores, participar das aulas e ser abraçado pela comunidade estudantil?

Em âmbito local, segundo a Resolução CU nº 008/2017, na Universidade Estadual de Londrina, 45% das vagas de cursos de Graduação são destinadas a: 20% estudantes autodeclarados negros que tenham estudado os últimos 4 anos do Ensino Fundamental e os 3 anos do Ensino Médio em escolas públicas brasileiras (estudantes cotistas de escolas particulares, mesmo em 100% de bolsa, não participam desta seleção), 20% por cento para estudantes que tenham estudado os

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

últimos 4 anos do Ensino Fundamental e o Ensino Médio completo em instituições de ensino em escolas públicas brasileiras e 5% de todas as vagas para estudantes declarados negros independente do percurso. A UEL é vanguarda nas políticas públicas de cotas, sendo implementada em 2005 por meio de esforços coletivos e tendo como uma de suas principais vozes Dona Vilma, hoje homenageada e eternamente lembrada como uma das personalidades mais marcantes da cidade de Londrina e importantes para a história da Universidade. (ZANARDI, 2019).

A Lei Nº 12.711 aprovada em agosto de 2012 torna obrigatório 50% das vagas de universidades públicas e IES para estudantes autodeclarados negros e pardos e estudantes com renda familiar de 1 salário mínimo (BRASIL, 2012). No estudo de Rosa e Facchini (2021) é resgatado as principais questões referentes à implementação das cotas no país a partir do período dos anos 2000, onde apresenta as opiniões de Goldemberg e Durham (2007) e Maggie e Fry (2002), considerados contrários à implementação, que defendiam que cota de caráter racial poderiam representar “Um retrocesso da sociedade brasileira”, pois assumiria uma distinção legal entre os brancos e os negros, e acreditavam que os estudantes cotistas teriam maior evasão escolar do que a contra-parte não cotista (ROSA e FACHINNI, 2021).

Tal opinião revela o caráter classista do sistema educacional, pois ignora as batalhas históricas e desigualdades provenientes de anos de opressão, como também a desigualdade presente no nosso país. Embora estas opiniões sejam dos anos 2000, elas ainda estão presentes em pilares essenciais da sociedade brasileira, como pela fala do Ministro da Educação no ano de 2019, Ricardo Vélez Rodríguez: “A Universidade deve ficar reservada para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica do país”. Mas quem seria considerado a elite? Analisando um pouco mais fala, uma pessoa de classe popular que precisa trabalhar e estudar, uma realidade muito comum em estudantes cotistas, seria considerada esta elite? No Brasil, trabalhar e estudar para o jovem não são uma renda extra para trazer conforto, mas sim necessidade de ter um teto para morar e comida na mesa.

Segundo o IBGE (apud Comin 2023), a partir dos 18 anos a maioria dos jovens estão trabalhando; e entre estudantes do nível superior, 75% deles estão no

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

mercado de trabalho. Em linhas gerais, isso demonstra o quanto a educação das classes populares, pessoas sub-representadas em espaços acadêmicos, sendo pobres, pretas, indígenas e marginalizadas não são bem vindas nesses ambientes e o quanto a educação que se faz hoje é elitista.

### 1. **Racismo nos processos de socialização de estudantes negros e indígenas**

Wicked, é um teatro musical estreado em 2003 composto por Stephen Schwartz (2003) com libreto de Winnie Holzman (WAXMAN et al, 2024). Dentro do elenco de personagens, Elphaba Thropp possui um destaque considerável por ser tanto uma das protagonistas e por sua pele de um verde. Desde o primeiro momento de entrada na Universidade Shiz, ela é recebida por todos os outros estudantes não-verdes com ostracismo, desconfiança e, na tradução oficial para o musical em português, “ódio” e em tradução livre, “desgosto”. Claro, por ser uma adaptação teatral de um livro, as reações e falas precisam ser exageradas para que todos, mesmo os mais distantes do palco, possam ver e entender o que esteja acontecendo. Enquanto Glinda, a segunda protagonista, uma moça loura e carismática, é recebida com louvores pelo corpo estudantil.

O livro, embora escrito por pessoas não racializadas, passa pelas dificuldades de Elphaba em se enturmar num local hostil, como também as intempéries em um mundo totalmente isolado de seus pares, sentimento este de fácil identificação para pessoas racializadas.

Ainda em Wicked, Elphaba possuía a dificuldade de se enturmar por ser diferente de seus colegas. Segundo Makayla I. Gathers (2023), estudante de direito em Harvard e escritora do portal estudantil The Harvard Crimson, a história de Elphaba transcreve muito a situação de um estudante negro, pois ela, como uma mulher negra, podia se ver refletida naquela trajetória.

Trazendo os estudos de Fanon (2008), uma pessoa racializada em um ambiente dominado por brancos e sendo este local competitivo é estar exposto a reação que vem deste processo, seja ela por meio das mais diversas formas de agressão, injustiças ou pressão. Vir de um contexto de escola pública também traz para si este peso. A socialização e as sociabilidades desempenham um papel

crucial na forma como essas experiências são vividas e interpretadas. Quando em 2019 entraram os primeiros estudantes cotistas da Unicamp, a média das matérias subiu de 5 para 7. Por falta de clareza e explicação por parte da instituição, atribuiu-se por parte do corpo estudantil que a culpa deste aumento das notas fosse por conta da aplicação da política pública de reserva de vagas (FACCHINI E ROSA, 2022). De 22 estudantes reprovados, sendo um recorde para a Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, perguntavam no ambiente de estudo frequentado pelos estudantes, caso fosse negro, se ele foi um dos reprovados, sendo que 18 dos estudantes reprovados naquele ano eram brancos. Este exemplo ilustra como a socialização dentro do ambiente acadêmico pode influenciar as percepções e atitudes em relação às políticas de inclusão e aos próprios estudantes cotistas, afetando suas experiências de sociabilidade e integração. Para Veiga (2019):

Ainda que nós, negros nascidos pós-abolição, não tenhamos vivido o horror da escravidão, vivemos o horror do embranquecimento. Como o embranquecimento se dá a partir da negação do valor da pessoa negra e se perpetua por meio de um aparato político-midiático em que pessoas brancas estão na posição de poder e de referência da beleza, em detrimento às pessoas negras. (...) nas subjetividades pretas cria uma condição psicológica debilitante, porque aquilo que ele é e do qual não pode se desfazer, a cor da pele, coloca-o socialmente numa posição subalterna.

No que tange os estudantes negros cotistas, o de embranquecimento trás o pré-conceito de são estudantes incapazes. O único meio de conseguir a aprovação e pertencimento dos seus pares é ser excepcional. O valor do estudante negro na universidade apenas é reconhecido quando ele se torna “melhor” que seus pares brancos. Há na universidade valores em tensão. Por um lado, ideias de que a universidade deve ser meritocrática, onde a presença dos estudantes deve se dar pelo esforço. Sobre este assunto, Chalhoub (2017) em entrevista à Unicamp, define que a “Meritocracia é um mito que serve à reprodução eterna das desigualdades sociais e raciais que caracterizam a nossa sociedade”. Por outro, estudantes cotistas são geralmente estudantes de primeira geração, que são os primeiros de suas famílias a pisar em uma universidade para estudar (CUNHA, 2017). Estudantes negros cotistas enfrentam desafios não apenas acadêmicos, mas também sociais, ao se depararem com uma cultura universitária que

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

frequentemente não reconhece suas identidades e histórias. A socialização destes estudantes muitas vezes é marcada por um esforço redobrado para provar seu valor e pertencer ao ambiente acadêmico, gerando uma pressão adicional que seus pares brancos geralmente não enfrentam. Além disso, a construção de redes de apoio e sociabilidades entre cotistas e não cotistas pode ser dificultada pela persistência de preconceitos e estereótipos.

Com isto em mente, este projeto vem com o objetivo de compreender os impactos do racismo e da perspectiva dos estudantes negros, cotistas e indígenas da Universidade Estadual de Londrina do curso de Psicologia

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa será bibliográfica e básica, de caráter exploratório e qualitativo relacionada aos temas de socialização, psicologia, sociologia e políticas públicas de inclusão. O caráter exploratório pois tem como objetivo explorar o assunto e suas nuances, aproximando o tema de sociologia e psicologia, e o caráter qualitativo pois proporcionará maior profundidade de interpretações de respostas e maior fluidez com o tema proposto.

Como procedimentos metodológicos, utilizamos neste Relatório de Pesquisa: Leitura e fichamentos de obras sobre os temas e conceitos discutidos na pesquisa;- Levantamento de dados relacionados ao público estudantil da UEL do curso de Psicologia; Montagem de gráficos em percentil para melhor elencamento das informações e dados coletados por base no survey e participação em eventos científicos para divulgação dos resultados obtidos na pesquisa.

## **3. Desenvolvimento**

Dado o caráter qualitativo da pesquisa, foram analisados os discursos obtidos dos estudantes com base nas perguntas deixadas no formulário. Foram feitas duas perguntas aos entrevistados, sendo a primeira perguntando-lhes a percepção enquanto estudantes racializados no curso de psicologia UEL, e a segunda sendo quais eram seus pensamentos em relação às políticas de afirmação

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

presentes na instituição. Abaixo, encontram-se as respostas para a primeira pergunta:

(...) do lugar em que ocupo enquanto estudante percebo certa hipocrisia do curso, que se diz diverso e inclusivo, mas na prática não é isso que ocorre. Acredito que é algo similar a ideia de democracia racial, mas a realidade é outra, cabe aos próprios estudantes negros encontrarem formas de se aquilombar, por vezes nem isso visto que o curso é elitista e estudantes negros de classe mais alta não tem proximidade com os de classe mais baixa. (...) Eu vivenciei durante a graduação situações de entrevista para projetos de graduação bastante meritocráticos e injustos, pois não parto do mesmo lugar que meus colegas brancos. Além disso, vivi situações que me causaram certa estranheza por parte de orientadores como pedir para que eu fizesse café (Estudante 1)

Outro ponto crítico é a experiência de ser uma estudante negra em um ambiente acadêmico predominantemente branco. A sensação de isolamento pode ser intensa, e o racismo, tanto explícito quanto velado, pode afetar o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional. (Estudante 3)

Com o relato principal destes 2 estudantes coletados na pesquisa, nota-se uma percepção direta e crítica do que os aflige. Para estudantes negros a noção de isolamento é algo comum e perceptível desde o começo do curso, onde a dificuldade de se fazer e começar relações é um grande empecilho para a saúde mental e desempenho dos acadêmicos. Com base nos estudos de Souza (2021), a busca por uma ascensão social, sendo a universidade crucial deste processo, faz com que o estudante negro tenha de encarar a “mancha negra”, uma posição de inferioridade em relação aos seus pares e a necessidade de constantemente “correr atrás” do que seus colegas não racializados já obtiveram de seus berços de privilégio, num objetivo final de ser aceito, visto, e enxergar-se além do seu não lugar. A universidade é feita para brancos, pensada por brancos, e corpos negros surgem como mecanismos de manutenção desta mesma estrutura como faxineiros, auxiliares gerais, mas não como alunos e usuários, e muito menos professores. Nas palavras de Nairim Bernardo (2017) “Quando dou bom dia pros funcionários da

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

minha universidade eu vejo onde estão os outros negros.”

Em relação ao grade curricular:

(...) Acredito que o curso dá pouca abertura para debates raciais. Poucos professores nossos são negros e nenhum indígena, e as disciplinas não abordam tanto quanto deveriam a questão negra ou indígena. Tivemos apenas 1 professora e 1 professor que trataram com relevância essas questões, aulas das quais nunca nos esqueceremos. Percebo que é muito fácil um graduado ter passado pelo curso inteiro sem se atentar a pauta racial, uma formação deficiente. (Estudante 3)

Além disso, os currículos frequentemente negligenciam a importância da interseccionalidade e da inclusão racial. Questões específicas da população negra, como o impacto do racismo estrutural na saúde mental, raramente são abordadas de maneira aprofundada. Isso resulta em uma formação que, muitas vezes, não prepara os futuros psicólogos para lidar com a diversidade que encontrarão na prática clínica (Estudante 2)

Estudante indígena da etnia Guarani Nhandeva. Os cursos de psicologia ainda é muito eurocêntrica, não há discussão sobre adoecimento da população indígena e de outros povos tradicionais. Além disso a prática clínica está fixada na teoria europeia, velada de conhecimento de pessoas não racializada que acaba violentando as pessoas racializadas na sua prática. (Estudante 5)

Nos relatos colhidos fica visível a dificuldade da Psicologia de trabalhar questões de saúde da população racializada, aumentando ainda mais a situação de solidão. Como elencado no relato pelo Estudante 5, a manutenção das estruturas do racismo por meio de uma educação de psicologia centralizada em teorias eurocêntricas reproduzem violências no consultório após a Universidade. Não se formam psicólogos capazes de lidar com a realidade brasileira, sendo necessário busca externa a formação. Vozes e psicólogos que há anos estudam o racismo na psicologia não sendo devidamente pensados e valorizados, e o apagamento constante de dos conhecimentos produzidos pela população negra para a população negra. Nas palavras de Benedito e Fernandes (2020):

Defende-se que se a graduação em Psicologia não forneceu ou não fornece as ferramentas para lidar com o sofrimento causado pelo racismo, fazendo-se imprescindível a constante busca por tal conhecimento em outros espaços e campos do saber: na história, na sociologia, nas artes e na política. De outro lado, os registros mostram também as dificuldades no enfrentamento do racismo pela psicologia, quando se revela a falta de recursos e estudos que identifiquem um caminho e as consequências dessa situação em termos de resistência ao processo: “algumas coisas não se discutem.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Em relação à segunda pergunta, foi questionado quais eram as opiniões dos estudantes em relação às políticas públicas presentes na universidade.

As políticas afirmativa para estudante indígenas foi uma grande conquista, entendendo que foi uma reparação histórica para os povos indígenas, devido as violência que sofreram e ainda sofrem os indígenas do Estado do Paraná, porém essa política afirmativa precisa avançar mais ainda haja visto que a vagas para indígenas é muito pouco comparada as inscrições de candidatos no vestibular dos povos indígenas (Estudante 5)

Este relato se torna especialmente importante pois a representatividade indígena é extremamente baixa. Segundo Zanardi (2024), por meio de O Perobal, dos sites oficiais de vinculação de notícias na Universidade Estadual de Londrina, cerca 622 candidatos prestaram as provas para o vestibular indígena, tendo chamados 26 destes alunos para a UEL e a participação no Ciclo Cultural, que busca oferecer ferramentas para a melhor adaptação do estudante na Universidade. Há na UEL, por meio de muita luta dos estudantes indígenas e das organizações de proteção aos seus direitos, a preocupação em primeiramente preparar o estudante indígena para a rotina acadêmica. A estudante complementa:

Além disso é preciso pensar na na permanência desse estudantes, na moradia, justamente porque a maior parte desse estudantes vem do seu território é não tem ao menos a garantia de um moradia. Os desafios maior desse estudantes é justamente o aluguel, pois a aluguel exige vários critérios que muito dos estudantes indígenas não tem, além disso a maior partes dos estudantes indígenas vem para estudar juntos com seus filhos, são mulheres (Estudante 5)

Vindo deste relato, a permanência dos estudantes indígenas é algo que a UEL ainda está em falta. Falta no pensamento de políticas públicas para estes estudantes pensar não só na questão de sua entrada, mas também de alguns que não podem se afastar de suas famílias e territórios. Há a necessidade de deslocamento, de afastamento de suas terras, origens e redes de apoio para vir estudar, às vezes sendo necessário trazer os próprios filhos. Na cultura Kaingang, por exemplo, é inconcebível que uma mãe deixe seu filho para trás, escolha esta que trás grande quantidade de sofrimento (MÜLLER, 2023). É necessário repensar a forma como se faz a relação da universidade com as

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

mães indígenas, visto que não há lugar para seus corpos neste lugar. Não obstante, a moradia estudantil disponibilizada pela Universidade é ineficiente para acolher famílias, sendo necessário a busca de outros arranjos pelos próprios estudantes ou instâncias políticas externas à UEL.

Em relação a permanência de estudantes cotistas:

Acredito que as políticas de ações afirmativas são importantes e necessárias, sou filha das cotas e elas contribuíram de forma significativa para que eu esteja prestes a me graduar. (...) resultado de uma luta que precisa sempre ser lembrada, mas ainda acredito que as políticas de permanência precisam ser ampliadas, é muito difícil a permanência tanto na instituição como um todo, quanto diante das microviolências cotidianas dentro dos cursos, ainda mais pensando em cursos que são integrais e que não precisamos somente estar, mas precisamos ter vida na UEL. “ (Estudante 1)

Acho que ainda são pouco divulgadas, mas sem dúvidas essenciais, auxiliam muito os alunos negros e indígenas a permanecerem na universidade e ter apoio social durante sua graduação.” (Estudante 4)

Há o entendimento entre os alunos da necessidade proveniente destas políticas públicas, mas também a necessidade de melhoras nas mesmas:

Alguns anos por meio de muitas lutas conseguimos avançar em algumas políticas de permanência dentro da UEL, como o direito de participar de projetos de extensão e Iniciação científica com bolsa. São avanço lento mais que temos conseguido avançar por meio da nossa luta. (Estudante 5)

As políticas públicas proporcionaram que muitos estudantes pudessem permanecer na universidade, mas não é capaz de alcançar todos os locais que precisam delas. O entendimento de que elas são necessárias esteve presente em todos os relatos, mas a dificuldade de se obtê-las também. Um dos motivos da dificuldade de acesso na Universidade Estadual de Londrina é o impasse burocrático, onde é difícil de preencher todos os requisitos de participação, ou até

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

mesmo o acesso ao site sendo complicado e tortuoso o envio de documentos. Também, com exceção das bolsas de permanência disponibilizadas pelo SEBEC que há uma mobilização maior de notificação, outros recursos para estudantes passam completamente despercebidos, como acesso a clínica psicológica e serviços de acolhimento ao estudante, que acabam obtendo acesso a esses serviços às vezes em momentos extremamente tardios.

#### **4. Conclusão**

As ações afirmativas em cursos integrais, como os de psicologia, desempenham um papel vital na diminuição da desigualdade de oportunidades e na valorização da diversidade no ambiente acadêmico. Essas medidas buscam corrigir desigualdades históricas e sociais, garantindo que estudantes de grupos sub-representados, como minorias étnicas e socioeconômicas, tenham acesso ao direito humano que é a educação de qualidade. Por meio de políticas afirmativas de cotas, bolsas de auxílio e suporte acadêmico, essas iniciativas enriquecem a sala de aula com diferentes experiências e visões de vida.

Além de promover a inclusão, as ações afirmativas em cursos integrais ajudam a formar profissionais mais empáticos e conscientes das diferenças sociais. No campo da psicologia, por exemplo, a diversidade entre os estudantes pode gerar uma compreensão mais profunda das diversas realidades e necessidades dos pacientes. Dessa forma, psicólogos formados em ambientes inclusivos estão melhor preparados para oferecer um atendimento mais eficaz e sensível às necessidades de uma população diversa. Portanto, as ações afirmativas beneficiam não só os indivíduos diretamente envolvidos, mas também proporcionam um senso de comunidade e de responsabilidade com o outro, coisas essenciais no código de ética de todo psicólogo.

Em suma, ao explorar a dinâmica complexa da socialização e do racismo dentro das Instituições de Ensino Superior torna-se claro que a mudança efetiva requer uma ruptura com paradigmas estabelecidos e uma adoção de perspectivas que valorizem a diversidade. Autores como Frantz Fanon e Gloria Anzaldúa nos

ensinam que a descolonização não é apenas um processo intelectual, mas também emocional e espiritual, que exige a desconstrução das estruturas de poder que perpetuam a opressão racial.

A psicologia social nos desafia a questionar não apenas as normas e práticas existentes, mas também a nos comprometermos com a ação coletiva e a solidariedade interseccional. Somente através da criação de espaços verdadeiramente inclusivos, onde as vozes marginalizadas são não apenas ouvidas, mas também valorizadas, podemos aspirar a uma transformação significativa. Isso implica não apenas em políticas institucionais reformadoras, mas também em um esforço contínuo para desconstruir preconceitos internalizados e promover um ambiente onde todos os membros da comunidade acadêmica possam plenamente existir.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, D. DE O.; BULHÕES, L. M. G.; SANTOS, C. O.. A política de cotas raciais em concursos públicos: desafios em face da luta antirracista. **Serviço Social & Sociedade**, n. 145, p. 91–111, set. 2022.

BELANDI, Caio; GOMES, Irene. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. **Agência IBGE Notícias**, cidade de publicação, dia, mês e ano. Seção (se houver). Disponível em: <[BERNARDO, Nairim. A solidão de uma aluna negra que chegou à universidade. \*Nova Escola\*, São Paulo, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/5335/a-solidao-de-uma-aluna-negra-que-chegou-a-a-universidade>. Acesso em: 14 jun. 2024.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Destaques,0%2C4%25)%2C%20amarelas.>https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Destaques,0%2C4%25)%2C%20amarelas.>. Acesso em: 25, mai e 2024.</p></div><div data-bbox=)

**Brasil**. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. *Diário Oficial da União: Seção 1*, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 10 jun. 2024

COMIN, Alvaro. Entre a escola e o trabalho: a vida nada fácil dos jovens brasileiros, em 6 pontos. *Nexo*, ago. 2023. Disponível em:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

<https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2023/08/16/entre-a-escola-e-o-trabalho-a-vida-nada-facil-dos-jovens-brasileiros-em-6-pontos>.

Acesso em: 25, mai e 2024.

CUNHA, M. I. DA .. Qualidade da educação superior e a tensão entre democratização e internacionalização na universidade brasileira. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 22, n. 3, p. 817–832, set. 2017.

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

GATHERS, Makayla. A Black Woman’s Analysis of ‘Wicked’ The Musical: Examining Elphaba’s Story 20 Years Later. *The Harvard Crimson*, 10 de out de 2023.

Disponível em:

<https://www.thecrimson.com/article/2023/10/31/wicked-musical-black-women-theater/>. Acesso em: 25 de mai 2024.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. *Rev Política & Sociedade*, volume 10, nº 18, abril de 2011, p. 133 – 154

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000.

LOPES, R. A.; SILVA, G. H. G. DA .; FERREIRA, E. B.. A Lei de Cotas e o acesso à Universidade Federal de Alfenas por estudantes pertencentes a grupos sub-representados. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 260, p. 148–176, jan. 2021.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, Augusto P. (Org.). **Cadernos PENESB 5 - Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira Niterói/RJ: EDUFF, 2004. p. 15-34.**

NASCIUTTI, L. F.. SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 37, p. e21402, 2021.

**O Perobal**. UEL divulga resultado do XXIII Vestibular dos Povos Indígenas. *O Perobal*, Londrina, 18 abr. 2024. Disponível em:  
<https://operobal.uel.br/cops/2024/04/18/uel-divulga-resultado-do-xxiii-vestibular->

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

[dos-povos-indigenas/#:~:text=A%20edi%C3%A7%C3%A3o%20de%202024%20do.de%20148%20da%20etnia%20Guarani. Acesso em: 15 jun. 2024.](#)

PORQUE ter uma Rede MLG voltada à diversidade racial: O retrato da negritude dos líderes MLG. **Centro de Liderança Pública**. 2020. Disponível em:

<[https://www.clp.org.br/porque-ter-uma-rede-mlg-voltada-a-diversidade-racial-o-retrato-da-negritude-dos-lideres-mlg/?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=diversidade-racial&gclid=CjwKCAjw36GjBhAkEiwAKwIWYs6n\\_re5fLI2Ngd2QNSnl6VW9JI3UXFrHhWlKqUqophUdb8VNwb7avBoC47gQAvD\\_BwE](https://www.clp.org.br/porque-ter-uma-rede-mlg-voltada-a-diversidade-racial-o-retrato-da-negritude-dos-lideres-mlg/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=diversidade-racial&gclid=CjwKCAjw36GjBhAkEiwAKwIWYs6n_re5fLI2Ngd2QNSnl6VW9JI3UXFrHhWlKqUqophUdb8VNwb7avBoC47gQAvD_BwE)>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O negro desde dentro [1955]. In: NASCIMENTO, Abdias (org.) Teatro experimental do negro. **Testemunhos**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966. p. 128135

ROSA, W.; FACCHINI, R.. “Você é um dos reprovados?”: cotas, tensões e processos de subjetivação entre universitários negros de medicina. **Mana**, v. 28, n. 3, p. e2830404, 2022.

SALLES, R.. A ABOLIÇÃO REVISITADA: ENTRE CONTINUIDADES E RUPTURAS. **Revista de História (São Paulo)**, n. 176, 2017.

Silva, T. **AÇÃO AFIRMATIVA E POPULAÇÃO NEGRA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ACESSO E PERFIL DISCENTE**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. jul. 2020. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2569.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf)> Acesso em: 21 de maio de 2023.

WICKED The Musical. WICKED: VCE Theatre Studies Unit 3 Materials. [s.l.]: The Gordon Frost Organisation, 2024. Disponível em: <https://wickedthemusical.com.au/wp-content/uploads/2024/03/WICKED-VCE-Theatre-Studies-Unit-3-Materials.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2024.

ZANARDI, Reinaldo. Percurso das cotas nas universidades brasileiras. O *Perobal*, Londrina, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://operobal.uel.br/educacao/2020/11/19/percurso-cotas/>. Acesso em: 11 jun. 2024.